



AUTOETNOGRAFIA, CIÊNCIAS SOCIAIS E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTOETNOGRAPHY, SOCIAL SCIENCES AND CRITICAL FORMATION: A REVIEW OF THE SCIENTIFIC PRODUCTION OF PHYSICAL EDUCATION

AUTOETNOGRAFÍA, CIENCIAS SOCIALES Y FORMACIÓN CRÍTICA: UNA REVISIÓN DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA

Leandro Oliveira Rocha¹

Samuel Nascimento de Araújo²

Fabiano Bossle³

Resumo: Esta pesquisa discute particularidades da autoetnografia e sua relação com a formação do autoetnógrafo, que é autor e sujeito de pesquisa. Foi elaborada a partir de uma revisão da produção acadêmica de cunho social da Educação Física realizada em 2017. Junto à plataforma virtual de 25 periódicos selecionados, com qualificações A2, B1 e B2 na área de conhecimento da Educação Física, foram encontrados somente cinco estudos sobre a autoetnografia, cuja leitura permitiu apontar três pontos de discussão: autoetnografia e conhecimento científico; texto autoetnográfico; e formação crítica do autoetnógrafo. A análise sustenta-se na literatura estrangeira das autoetnografias e, de forma conclusiva, permite compreender que a autoetnografia emerge nas ciências sociais como aporte teórico-metodológico de investigação sustentado nas experiências culturais do pesquisador. Contrapondo modelos positivistas, amparados na neutralidade científica, o autoetnógrafo elabora a pesquisa a partir de situações vividas, sentimentos e análises reflexivas, pautados no problema de investigação, marco teórico e rigor metodológico. Experiência, subjetividade e reflexividade confirmam o protagonismo do autoetnógrafo e mobilizam processos de conscientização – características que entendemos como processo de formação crítica do pesquisador ao longo da própria investigação autoetnográfica.

Palavras-chave: Autoetnografia. Educação Física. Formação Crítica. Revisão Integrativa.

Abstract: This study discusses the particularities of autoethnography and its relation with the autoethnographer formation, who is the author and subject of the research. It was elaborated based on a review of the academic production of social science in Physical Education, held in 2017. In the virtual platform of the 25 selected

¹ Mestre em Ciências do Movimento Humano. Professor de Graduação em Educação Física da Universidade do Vale do Taquari. E-mail: leandro.o.rocha@hotmail.com

² Mestre em Ciências do Movimento Humano. Professor de Educação Física da Secretaria Municipal de Ensino de Guarani das Missões. E-mail: arajuodf@hotmail.com

³ Doutor em Ciências do Movimento Humano. Professor de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: fabiano.bossle@ufrgs.br



journals with A2, B1 and B2 qualifications in the Physical Education knowledge area, we found only 5 studies on the autoethnography, whose reading allowed discusses about three points: autoethnography and scientific knowledge; autoethnographic text; and critical training of the autoethnographer. The analysis is based on the foreign literature of autoethnography and, in a conclusive way, allows us to understand that autetnography emerges in the social sciences as a theoretical-methodological contribution of sustained research in the cultural experiences of the researcher. Contrasting positivist models, supported by scientific neutrality, the autoethnographer elaborates the research from lived situations, feelings and reflexive analyzes, based on the research problem, theoretical framework and methodological rigor. Experience, subjectivity and reflexivity confirm the role of the autoethnographer and mobilize processes of awareness – characteristics that we understand as a critical process formation of the researcher throughout the self-research.

Keywords: Autoethnography. Physical Education. Critical Formation. Integrative Review.

Resumen: Esta investigación discute particularidades de la autoetnografía y su relación con la formación del autoetnógrafo, que es autor y sujeto de investigación. Se elaboró a partir de una revisión de la producción académica de cuño social de la Educación Física realizada en 2017. Junto a la plataforma virtual de 25 periódicos seleccionados, con calificaciones A2, B1 y B2 en el área de conocimiento de la Educación Física, se encontraron solamente cinco estudios sobre la autoetnografía, cuya lectura permitió apuntar tres puntos de discusión: autoetnografía y conocimiento científico; texto autoetnográfico; y la formación crítica del autoetnógrafo. El análisis se sustenta en la literatura extranjera de las autoetnografías y, de forma conclusiva, permite comprender que la autoetnografía emerge en las ciencias sociales como aporte teórico-metodológico de investigación sostenido en las experiencias culturales del investigador. En el caso de los modelos positivistas, amparados en la neutralidad científica, el autoetnógrafo elabora la investigación a partir de situaciones vividas, sentimientos y análisis reflexivos, pautados en el problema de investigación, marco teórico y rigor metodológico. La experiencia, subjetividad y reflexividad confirman el protagonismo del autoetnógrafo y movilizan procesos de concientización - características que entendemos como proceso de formación crítica del investigador a lo largo de la propia investigación autoetnográfica.

Palabras-clave: Autoetnografía. Educación Física. Formación Crítica. Revisión Integrativa.

Envio 09/02/2018

Revisão 09/03/2018

Accite 09/04/2018

Introdução

O objetivo deste estudo é discutir particularidades das autoetnografias e sua relação com processos de formação do autoetnógrafo, que é pesquisador, autor e também um dos sujeitos de pesquisa. De modo transversal, este estudo sustenta a relevância teórico-metodológica da pesquisa autoetnográfica para as ciências sociais e produção de conhecimento sobre contextos culturais particulares, sobretudo de âmbito educacional.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este artigo de revisão parte das informações coletadas através de uma revisão integrativa da produção acadêmica da Educação Física, especificamente das publicações de cuño social dessa área de conhecimento. Na revisão integrativa, são reunidas informações de pesquisas anteriores de maneira sistemática e ordenada para aprofundar o conhecimento sobre o tema investigado (Broome, 2000; Mendes, Silveira e Galvão, 2008), cujo processo de revisão é marcado por uma dupla finalidade.



A primeira finalidade consiste em estabelecer uma forma de “síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos” (Mendes, Silveira e Galvão, 2008, p. 759). Nesse caso, a revisão representa uma possibilidade de avançar na discussão sobre um tema a partir da ampliação de análises. A segunda é garantir a confiabilidade do processo e aprofundamento da pesquisa através da utilização de técnicas de coleta de informações com o devido rigor metodológico. Autores como Mendes, Silveira e Galvão (2008) afirmam que o rigor metodológico é fundamental para o leitor identificar características dos estudos revisados e compreender as discussões posteriores que emergem da própria revisão. Além disso, o detalhamento metodológico permite que uma revisão seja refeita por outros pesquisadores para confirmar a veracidade das informações ou expandir o processo de revisão (Roman e Friedlander, 1998; Coscrato, Pina e Mello, 2010).

Apoiados nos pressupostos teórico-metodológicos da revisão integrativa, realizamos no mês de outubro de 2017 uma revisão da produção acadêmica da área da Educação Física em periódicos nacionais com classificação (qualis) A2, B1 e B2 junto à Plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Optamos por periódicos com essas classificações devido a três motivos: porque atualmente não há periódicos nacionais com classificação A1 na área de conhecimento da Educação Física (área 21) que acolham pesquisas que tematizem o âmbito da escola e da cultura escolar; porque são periódicos com corpo editorial e critérios avaliativos que confirmam a potencialidade teórica e metodológica das pesquisas publicadas; e porque se enquadram na delimitação que utilizamos para viabilizar a busca por informações que possibilitam a revisão.

Dessa forma, inicialmente, acessamos a Plataforma Sucupira Capes, para localizar e listar todos periódicos nacionais com qualificação A2, B1 e B2 na área da Educação Física. Em seguida, selecionamos os periódicos que atendessem aos seguintes critérios: 1) ser periódico nacional; 2) ter escopo que comporte estudos de cunho social, preferencialmente escolar; e 3) ter plataforma virtual (on-line) com possibilidade de acesso às pesquisas publicadas e de refinar buscas através de palavras-chave ou da leitura do sumário e resumo. Isso significa que excluímos da lista de periódicos disponibilizada na Plataforma Sucupira



REVISTA INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Capes todos periódicos internacionais, com publicação em formato impresso e que discutem a produção científica de viés biológico, fisiológico e médico (periódicos das áreas médicas, biomédicas, psicológicas e fisioterápicas, por exemplo).

A partir dessa primeira triagem, do total de 1.033 periódicos listados (275 classificados A2, 377 classificados B1 e 381 classificados B2), selecionamos 25 periódicos (02 com classificação A2, 06 com classificação B1 e 17 com classificação B2), os quais estão apresentados no quadro 1.

Quadro 1: Periódicos selecionados e número de estudos sobre autoetnografia.

Nº	Nome do periódico	ISSN ⁴	Qualis	Selecionados
01	Movimento	1982-8918	A2	2
02	Saúde e Sociedade	1984-0470	A2	1
03	Motricidade	2182-2972	B1	0
04	Motriz	1980-6574	B1	0
05	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	2179-3255	B1	1
06	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	1807-5509	B1	0
07	Revista CEFAC	1982-0216	B1	0
08	Revista da Educação Física	1983-3083	B1	0
09	Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)	1980-5314	B2	0
10	Ciência e Educação	1980-850X	B2	0
11	Educação e Sociedade	1678-4626	B2	0
12	Educação e Realidade	0100-3143	B2	0
13	Educar em Revista	1984-0411	B2	0
14	Ensaio (Rio De Janeiro)	1809-4465	B2	0
15	Motrivivência	2175-8042	B2	0
16	Paidéia	1982-4327	B2	0
17	Pensar a Prática	1980-6183	B2	1
18	Pró-Posições	1980-6248	B2	0
19	Psicologia e Sociedade	1807-0310	B2	0
20	Psicologia em Estudo	1807-0329	B2	0
21	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	2317-1634	B2	0
22	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	0103-1716	B2	0
23	Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano	2175-3598	B2	0
24	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	2176-6681	B2	0
25	Trabalho, Educação e Saúde.	1981-7746	B2	0

⁴ ISSN é a sigla em inglês de *International Standard Serial Number*, que corresponde ao Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadadas.



Fonte: Página virtual dos periódicos revisados.

Junto à página virtual dos periódicos selecionados, refinamos a busca com a palavra-chave “autoetnografia” (sem aspas) ou acessamos o sumário e resumo das edições para identificar estudos sobre autoetnografia, e encontramos somente cinco pesquisas para análise. São elas: Leituras para (re)pensar o trabalho coletivo dos professores de Educação Física (Bossle e Molina Neto, 2009a) e “Ver, ouvir, calar e... Se entediar” no trabalho de campo de uma prisão: a história autoetnográfica (Martos-García; Devís-Devís, 2017), ambos na revista Movimento; A construção social dos corpos periféricos (Fernandes e Barbosa, 2016), na revista Saúde e Sociedade; No “olho do furacão”: uma autoetnografia em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (Bossle e Molina Neto, 2009b), na Revista Brasileira de Ciências do Esporte; e Trabalho docente coletivo na Educação Física escolar (Bossle, Molina Neto e Wittizorecki, 2013), na revista Pensar a Prática.

Das cinco pesquisas encontradas, somente os estudos de Bossle e Molina Neto (2009a; 2009b) e de Bossle, Molina Neto e Wittizorecki (2013) são específicos da Educação Física. O estudo de Martos-García e Devís-Devís (2017) é uma autoetnografia realizada em um sistema carcerário. Já o de Fernandes e Barbosa (2016) não é uma autoetnografia, mas foi refinado pela busca junto ao site porque apresenta informações de uma autoetnografia realizada por outro autor para sustentar as análises. Mesmo assim, diante do número reduzido de publicações encontradas, esses dois estudos não foram descartados da revisão, embora sejam pouco evidenciados ao longo deste texto.

Após a leitura e análise das cinco pesquisas selecionadas, tendo em vista o objetivo desta investigação, tomamos como pauta de discussão deste artigo os seguintes aspectos: (a) autoetnografia e conhecimento científico, (b) texto autoetnográfico e (c) formação crítica do autoetnógrafo.

Cada aspecto analisado foi sustentado na literatura estrangeira sobre a autoetnografia, uma vez que a nossa proposta é, justamente, avançar e potencializar a discussão sobre a autoetnografia.



(a) Autoetnografia e conhecimento científico

No cenário brasileiro de investigação qualitativa em Educação Física, a autoetnografia aparece após o surgimento da etnografia como alternativa teórico-metodológica de investigação do trabalho docente de professores de Educação Física em uma perspectiva estrutural autocrítica e semiótica (Bossle, 2008; Bossle e Molina Neto, 2010).

A autoetnografia não se restringe ao que vem sendo denominado por trabalho de campo, ou seja, a procedimentos metodológicos *in loco* em que o pesquisador está em contato direto com a cultura investigada e à utilização de determinados instrumentos de coleta de informações. Trata-se, portanto, do empreendimento intelectual que inicia quando o pesquisador estabelece formalmente o problema de pesquisa, se aproxima da literatura específica e decide compreender a cultura pelo viés interpretativo (Holt, 2003). Nesse sentido, a autoetnografia se assemelha a etnografia, uma vez que a etnografia constitui o conjunto de teorias que sustentam a pesquisa e a compreensão da cultura a partir dos aspectos simbólicos compartilhados e seus significados, atribuídos pelos membros de um contexto particular investigado (Peirano, 1995; 2014).

De modo consensual, os estudos que revisamos evidenciam divergências entre a autoetnografia e modelos de pesquisa mais tradicionais, com destaque para a construção de conhecimento a partir das experiências culturais do próprio pesquisador. Explica Sparkes (2000) que o termo ‘autoetnografia’ é utilizado para identificar uma abordagem de pesquisa onde o autor/pesquisador baseia-se em suas próprias experiências culturais e produz escritas em forma de narrativas para produzir novos conhecimentos. O pesquisador estabelece reflexões críticas sobre situações vividas interativamente com os outros e sobre si, que mobilizam interpretações e análises sobre aspectos simbólicos compartilhados e incorporados (Starr, 2010), permitindo compreender a cultura ou o contexto social investigado (Chang, 2008). Nesse sentido, a autoetnografia prioriza justamente o uso da experiência pessoal para examinar e interpretar a experiência cultural (Jones, Adams e Ellis, 2015).

Sobre a emergência da pesquisa autoetnográfica, Ellis, Adams e Bochner (2010) explicam que, na década de 1980, outras perspectivas epistemológicas geraram o interesse de reformular objetivos e modelos de investigação nas ciências sociais. Isso mobilizou a utilização de histórias de vida para dar sentido às relações sociais, a si e aos outros e fez com



que alguns pesquisadores, gradualmente, se voltassem para a autoetnografia com o intuito de discutir questões de identidade política e empatia entre pessoas de diferentes contextos sociais (Ellis, Adams e Bochner, 2010).

No entanto, ao voltar-se para as experiências e reflexões do próprio pesquisador, as autoetnografias contrariam modelos cartesianos e positivistas de desenvolver pesquisas, que defendem as generalizações, o estudo da objetividade dos fatos e a neutralidade científica e do pesquisador (Jensen-Hart e Williams, 2010). Exatamente por isso, a pesquisa autoetnográfica costuma ser contestada no âmbito da produção acadêmica e, por vezes, tem publicações recusadas porque não cumprem com critérios avaliativos de cunho quantitativo e positivista, os quais carecem de revisão e reformulações (HOLT, 2003).

Em decorrência disso, autoetnógrafos são tratados por avaliadores como fornecedores de debates sociológicos carregados de imaginação científica que buscam alcançar legitimidade como cientistas (Holt, 2003) e acusados de usar informações de forma tendenciosa; algo que de fato pode ocorrer se o autoetnógrafo apenas escrever sobre si e não cumprir com as devidas obrigações acadêmicas de formulação de problema de pesquisa, rigor metodológico, validade interpretativa e utilização de aporte teórico adequado – assim como em qualquer outra pesquisa científica (Ellis, Adams e Bochner, 2010). Dessa forma, a crítica à autoetnografia está pautada na relação problemática do uso do “eu” para produzir pesquisas e validada nos critérios tradicionalmente utilizados para avaliar a produção científica qualitativa, os quais, em geral, não são adequados para as autoetnografias (Sparkes, 2000; Holt, 2003; Ellis, Adams e Bochner, 2010).

Por esses motivos, Spry (2001, p. 710) entende que a autoetnografia se origina “às margens da cultura dominante”. Ao estabelecer um contraponto à postura científica objetivista e aos modelos dominantes de realizar pesquisas, a autoetnografia torna a dimensão acadêmica em uma forma de representação política (Jensen-Hart e Williams, 2010) e demarca o engajamento do pesquisador na política científica, questionando o privilégio e a autoridade de alguns modelos de pesquisa em detrimento de outros (Holt, 2003).

De modo semelhante, Bossle e Molina Neto (2009b, p. 144) afirmam a importância da investigação autoetnográfica na produção científica nacional da Educação Física, uma área



onde predominam abordagens biomédicas, positivistas e em defesa da neutralidade do pesquisador diante dos fenômenos sociais. Explicam os autores que

[...] a autoetnografia parece ser um reforço significativo ao pensamento que visa destacar as vivências do sujeito pesquisador em sua pesquisa, na medida em que transforma seus relatos em pesquisa científica porque se situa dentro de uma série de autorreflexões, interações e reconhecimentos de emoções que, cotejadas com outras posições, permitem reconstruir novos conceitos de uma realidade subjetiva. De todos os modos, na autoetnografia fica claro, mais do que em outros desenhos de investigação, a ideia provinda da atividade hermenêutica segundo a qual o sujeito que pesquisa é parte do problema de investigação (BOSSLE E MOLINA NETO, 2009b, p. 144).

Uma vez que as experiências pessoais são centrais para promover a reflexividade do autor sobre sua constituição identitária (Fernandes e Barbosa, 2016), no âmbito educativo, as experiências com a docência confirmam “a importância de realização de uma autoetnografia para compreensão das práticas educativas a partir do reconhecimento dos sentimentos e das emoções do próprio sujeito que pesquisa” (Bossle e Molina Neto, 2009b, p. 131).

Conforme Holt (2003), a autoetnografia emerge no cenário da produção científica do campo educacional como possibilidade do pesquisador examinar suas experiências de ensino de maneira autorreflexiva para investigar a sua própria cultura. Tal análise, segundo o autor, permiti-lhe descrever, analisar, interpretar e compreender a cultura que vive e produz, bem como dar visibilidade ao que faz, confirmando o pesquisador como sujeito de pesquisa e, principalmente, estabelecendo o nexos entre experiência e construção identitária com base em aspectos simbólicos compartilhados (Holt, 2003).

Com base nas informações apresentadas, considerar as experiências como fonte de informações de pesquisa e localizar o autor da investigação como sujeito que vive e constrói a cultura investigada são aspectos centrais da pesquisa autoetnográfica. A autoetnografia reconhece e acomoda a emotividade, a subjetividade e a influência do pesquisador sobre a investigação, por isso os “autoetnógrafos devem trabalhar para identificar os ‘sistemas que moldam, constroem, perturbam, informam tanto a história como o contador de histórias’” (Jones, Adams e Ellis, 2015, p. 31).

Dessa forma, o texto autoetnográfico requer uma forma particular de escrita, com características específicas, apresentadas a seguir.

(b) Texto autoetnográfico

Segundo Martos-García e Devís-Devís (2017, p. 55), o texto autoetnográfico compreende um tipo de etnografia autonarrativa com base nas informações coletadas por meio de observação, entrevistas e documentos, apresentado “em forma de história e incorporando as próprias experiências na descrição da investigação”. Para elaboração do texto, Bossle, Molina Neto e Wittizorecki (2013, p. 403) destacam a potencialidade dos registros de diários de campo e entendem que os autoetnógrafos adotam “a condição de participantes observadores”. Conforme esses autores, ao mesmo tempo em que exerciam a função de professores de Educação Física da escola, assumiam o processo de investigação sobre o trabalho coletivo.

Portanto, é possível supor que a autoetnografia está fundamentada em requisitos que têm como base a descrição, a reflexão e a introspecção tanto intelectual quanto emocional não somente do autor, mas dos autores que atuam dentro de um contexto social ou cultural e do leitor que se apropria desses conceitos (BOSSLE E MOLINA NETO, 2009b, p. 134).

A autoetnografia, então, estabelece uma narrativa “que conecta uma dimensão pessoal do próprio pesquisador com suas experiências culturais” (Bossle e Molina Neto, 2009a, p. 101), descreve modos como o autoetnógrafo interage com a cultura pesquisada (Holt, 2003) e tem um gênero de escrita que localiza o self dentro de um contexto social (Reed-Danahay, 1997).

Nesse formato, o texto combina características da autobiografia e da etnografia. Assim como a autobiografia, o texto geralmente aborda epifanias, ou seja, momentos lembrados porque causaram impactos significativos na trajetória de vida do pesquisador, as quais revelam épocas de crises e situações intensas, analisadas através de recordações, memórias, imagens e sentimentos (Ellis, Adams e Bochner, 2010). Semelhante à etnografia, o texto utiliza descrições minuciosas de histórias, situações e acontecimentos, descritas nos registros do trabalho de campo (Ellis, Adams e Bochner, 2010).

Por ser assim, o texto autoetnográfico é carregado de descrições de situações vividas, diálogos, emoções e reflexões, afetadas pela história de vida, estrutura social e cultura



compartilhada pelo autoetnógrafo (Holt, 2003). Pessoal e social, passado e presente são interligados, dão vida às narrativas e nutrem a reflexão crítica e autocrítica sobre aspectos culturais incorporados e conteúdos emocionais (Ellis, Adams e Bochner, 2010). Assim, a escrita autoetnográfica conecta o impulso autobiográfico com o momento etnográfico, somente possível através da capacidade de articular os elementos construtivos das identidades dos atores da cultura investigada, e da consciência de que o autor/pesquisador constrói a sua própria realidade (Spry, 2001).

O texto pode ser ardiloso, evocativo e alterar pontos de vista autorais. O autoetnógrafo geralmente escreve na primeira pessoa do singular para contar algo vivido em uma interação direta ou quando foi testemunha ocular de um acontecimento. Outras vezes, usa a segunda pessoa do singular para descrever momentos em que sente dificuldade em fazer uma afirmação ou para colocar os leitores na cena para testemunhar ativamente, juntamente com ele, uma experiência. E em outras, escreve na terceira pessoa do singular para criar o contexto para uma interação, reportar os resultados e apresentar o que os outros fazem ou dizem (Ellis, Adams e Bochner, 2010).

Isso requer, muitas vezes, uma escrita criativa, que inclua metáforas, trocadilhos e gírias para gerar insights e múltiplas interpretações para, propositalmente, trazer vida à pesquisa (Jensen-Hart e Williams, 2010). A análise, por sua vez, está implícita na história que é escrita e mobiliza novas possibilidades de análise, uma vez que a própria história já é a análise, e o leitor é convidado a pensar por si a partir de sua história de vida e tecer suas próprias críticas e considerações (Martos-García e Devís-Devís, 2017, p. 55).

Quando tratada dessa maneira, a análise autoetnográfica promove a reflexão crítica na vida social e na prática educativa. Mas, para isso, é fundamental que o autoetnógrafo descreva cuidadosamente suas práticas vividas subjetivamente e suas experiências reais, por meio de histórias carregadas de simbolismos e metáforas poderosas para ilustrar sua cultura e mostrar sua identidade acadêmica e identidades pessoais, frequentemente ignoradas e invisibilizadas (Jensen-Hart e Williams, 2010).

Exatamente por isso a interpretação da cultura através das autorreflexões e refrações culturais da identidade confirmam a potencialidade da pesquisa autoetnográfica, cuja escrita, emocionalmente envolvente e com estilo próprio para criar diálogos intencionais entre leitor e



autor, permite apresentar críticas autorreflexivas da própria interatividade sociopolítica (Spry, 2001).

Esse aspecto, para Denzin (2015, p. 139), evidencia o engajamento do próprio pesquisador com a justiça social, uma vez que “o desempenho desses dramas autoetnográficos se torna uma ferramenta para documentar a opressão, um método para entender os significados da opressão e uma maneira de implementar uma política de possibilidade”.

Por isso, em vista do aspecto crítico presente na pesquisa autoetnográfica e do processo autocrítico no qual o autoetnógrafo está imerso, há uma terceira particularidade da pesquisa autoetnográfica que pode ser destacada: sua relação com a conscientização do pesquisador. Ou seja, sua relação direta com o processo de formação do autoetnógrafo.

(c) Formação crítica do autoetnógrafo

Na autoetnografia, o pesquisador, como autor e sujeito de pesquisa, é convidado a repensar o seu papel de produtor de conhecimento e a sua própria subjetividade, construída interativamente e “circunstanciada por sua singular trajetória intelectual e pessoal” (Versiani, 2005, p. 88). Essa característica – peculiar e específica – localiza a autoetnografia como opção de produção de conhecimento acadêmico capaz de refletir sobre escolhas teóricas e políticas do pesquisador (Versiani, 2005).

Haja vista que a “experiência pessoal está sempre localizada dentro de contextos sociais, culturais e estruturais” (Jensen-Hart e Williams, 2010 p. 465), a autoetnografia demarca, em última instância, o engajamento do próprio pesquisador para compreender o modo como tem sido socialmente construído e reconstruído (Starr, 2010). Ao destacar a reflexão crítica sobre a contextualização do “eu” na relação com os “outros”, Sparkes (1996) afirma que somente ao longo de sua pesquisa autoetnográfica percebeu que sua visão de mundo estava – e ainda está – condicionada aos marcadores sociais que o haviam constituído. Em outras palavras, ele percebeu que sua leitura de mundo era a de um branco, do sexo masculino, de classe média e ex-atleta de equipe de alto rendimento, bem como que essa leitura tornou-se mais crítica após a autoetnografia, embora sempre estivesse condicionada a marcadores sociais e situações vividas.



Pensando por essa perspectiva, segundo Spry (2001), o autoetnógrafo torna-se, também, “objeto de pesquisa”, e quando isso acontece ele vincula pessoal e social e reavalia o processo dialético self e cultura. A criticidade, oriunda da ação-reflexão, permite que o autoetnógrafo se localize dentro de sua própria história e compreenda seus valores em relação aos dos outros e à sua cultura, a qual é “revelada através de uma visão holística que abrange a pesquisa, escrita, análise e divulgação como uma ponte entre o pessoal e o cultural/político/social” (Starr, 2010, p. 3).

Nessa linha de entendimento, Martos-García e Devís-Devís (2017, p. 62) acreditam que a reflexividade, marcada por tensões e contradições, converte o processo de pesquisa em ato político de “autoconsciência”, capaz de auxiliar o pesquisador a compreender o seu papel social nas circunstâncias particulares de cada estudo. Ao considerar a possibilidade de aprender a partir da ação, reflexão e autocrítica, Bossle e Molina Neto (2009b) sustentam que a autoetnografia sintetiza de modo ímpar e em tempo real a noção de processo de pesquisa como formação permanente. Isso porque, para eles, quando o sujeito investigador interpreta seus sentimentos, emoções e aprendizagens durante o trabalho de campo autoetnográfico e transforma seus relatos em pesquisa científica, ele aprende com a própria pesquisa, “porque se situa dentro de uma série de autorreflexões, interações e reconhecimentos de emoções que, cotejadas com outras posições, permitem reconstruir novos conceitos de uma realidade subjetiva” (Bossle e Molina Neto, 2009b, p. 144).

A autoetnografia, então, emerge como prática formativa. Uma autoetnografia potente pressupõe a convergência entre o “eu pessoal” e o “eu profissional” porque os vários “eus” estão sempre presentes nas ações e percepções do pesquisador, mesmo quando algumas identidades são privilegiadas em um determinado espaço social (Jensen-Hart e Williams, 2010). Conforme esses autores, as pesquisas baseadas em histórias particulares e subjetividades pessoais permitem compreender “como somos socializados e moldados pela nossa cultura, ainda que nossas experiências e entendimentos também sejam profundamente pessoais” (Jensen-Hart e Williams, 2010, p. 454). Trata-se, portanto, de parte do processo dialético reflexão/ação que mobiliza experiências de aprendizagem transformadoras do próprio autoetnógrafo, que podem fazê-lo assumir outras posturas no ambiente que compartilha (Starr, 2010).



Explica Starr (2010) que, em contextos educacionais, a análise autoetnográfica estabelece relações dialéticas entre professor e comunidade escolar, entre situações de opressão e resistência e entre narrativas hegemônicas e a autoconsciência do professor. Nesse sentido, conforme Starr (2010), a autoetnografia se configura como proposta de formação pessoal semelhante à pedagogia crítica, uma vez que mobiliza a tomada de consciência e a emancipação do pesquisador, cultivando o autêntico ciclo de ação baseada na reflexão e reflexão baseada na ação, constituindo-se parte de um processo de conscientização.

Sobre a conscientização, explica Freire (2008):

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objetivo cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, nesse sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se desvela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo (FREIRE, 2008, p. 30).

Tal característica pressupõe que a pesquisa autoetnográfica é permeada por críticas e autocríticas desencadeadoras de novas ou outras percepções da realidade (Starr, 2010), as quais, de modo conseguinte, potencializam o desenvolvimento pessoal/profissional/político do próprio pesquisador (Spry, 2001). Segundo a autora:

Realizar a autoetnografia permitiu posicionar-me como agente ativo, com autoridade narrativa, diante de muitos mitos culturais dominantes hegemônicos que restringiam a minha liberdade social e meu desenvolvimento pessoal, levando-me, também, a perceber como minha raça branca e minha classe social podem restringir a liberdade social e o desenvolvimento pessoal dos outros (SPRY, 2010, p. 711).

Nesse sentido, a autoetnografia encoraja os pesquisadores das ciências sociais a se envolverem regularmente em reflexões críticas, desenvolverem o hábito de examinar continuamente a complexidade do eu presente nos contextos sociais e culturais e criar possibilidades interpretativas (Jensen-Hart e Williams, 2010).

Por isso, entendemos que a autoetnografia pode constituir um processo de formação crítica. A pesquisa autoetnográfica pode fornecer aos educadores a oportunidade de assumir uma postura crítica porque, uma vez conscientizados, estão mais qualificados para



desenvolver práticas pedagógicas voltadas para a formação crítica e reflexiva dos educandos, fundamental em uma sociedade multicultural. Além de aporte teórico-metodológico, a autorreflexão crítica integra verdadeiros processos formativos – ou autoformativos –, seja de ordem profissional, pessoal e de pesquisador.

Considerações finais

Pretendemos, neste estudo, apresentar particularidades da autoetnografia, sua relevância para a pesquisa científica e relação com a formação do autoetnógrafo. Para isso, partimos de uma revisão integrativa de periódicos nacionais da área da Educação Física, por meio da qual identificamos somente cinco estudos para análise.

Por um lado, significa que a revisão integrativa permitiu sistematizar processos metodológicos adequados para localizar e analisar a produção acadêmica da Educação Física sobre a autoetnografia, bem como identificar possibilidades de aprofundar o estudo sobre as autoetnografias. Por outro, significa que o número reduzido de estudos encontrados reflete o modo como a pesquisa nas ciências sociais parece que ainda está alicerçada em modelos de investigação já consolidados no meio acadêmico, algo que entendemos como um processo natural, uma vez que a autoetnografia é um desenho teórico-metodológico recentemente explorado na área da Educação Física.

Sobre esse aspecto, Bossle, Bossle, Rocha e Cruz (2016) destacam o modo como a autoetnografia, enquanto método de pesquisa, confere protagonismo ao pesquisador e, justamente por isso, produz resistência ao modelo hegemônico e dominante de ciência, de educação e de sociedade. Sustentada no modo particular de compreender a cultura através das experiências, reflexões e interpretações do próprio pesquisador, a autoetnografia estabelece outro olhar sobre o “fazer” científico, contrariando modelos de ciência sustentados na neutralidade científica e constituindo um modelo de pesquisa contra-hegemônico (Holt, 2003). Dessa forma, concordamos com Holt (2003, p. 19), segundo o qual desenvolver e publicar estudos autoetnográficos constituem vitórias “sobre certas perspectivas dominantes” e o contrário significa aceitar a marginalização das suas experiências pedagógicas e do desenho teórico-metodológico escolhido para expressá-las.



Dentre as particularidades das autoetnografias, as experiências e autorreflexões do pesquisador, a forma como o texto é escrito e os processos formativos desencadeados no pesquisador são algumas delas. A materialidade do trabalho de campo autoetnográfico está nas experiências culturais e reflexões do pesquisador, descritas no corpo do texto através de citações de notas de campo, de observações e diálogos; rejeitando que a experiência vivida só possa ser representada indiretamente (Spry, 2001). O foco da autoetnografia não é o estudo literal do “eu”, mas o espaço entre o “eu” e a “prática”, o que exige paridade das informações recolhidas e da forma como essas informações são cotejadas para identificar significados (Starr, 2010). Isso significa que o texto autoetnográfico carrega a capacidade do pesquisador de reconhecer e interpretar aspectos simbólicos da cultura inscritos em si mesmo e que são incorporados interativamente em determinados contextos sociais, podendo, inclusive, estar ocultos (Spry, 2001).

Devido a essa possibilidade, concordamos que a autoetnografia pode ser vista como “desenho teórico-metodológico potente na compreensão dos modos de vida compartilhados pelos professores de Educação Física da Educação Básica no cotidiano das escolas” (Bossle, Bossle, Rocha e Cruz, 2016, p. 2). Nesse sentido, a autoetnografia permite levar em conta as situações vividas no cotidiano de trabalho com a intenção de contestar e reconstruir interpretações sobre a cultura escolar através de um movimento do chão para cima (Marcus, 1998).

Imerso na pesquisa autoetnográfica, o pesquisador reflete sobre suas ações, atitudes, crenças, valores, concepções e ações. Ele questiona a si mesmo, os aspectos simbólicos da cultura que compartilha e, não obstante, o modo como compreende os contextos sociais de determinadas formas e não de outras. Essas reflexões e os aprendizados que seguem sugerem que a autoetnografia mobilize um verdadeiro processo de formação permanente, através do qual o pesquisador tem a possibilidade de rever os modos como estabelece sua leitura de mundo.

Trata-se, portanto, de um aporte teórico-metodológico que permite compreender culturas compartilhadas e potencializar a formação do pesquisador, condizente com o processo de conscientização que integra o arcabouço teórico da pedagogia crítica (Starr, 2010; Freire, 2008). Por esses motivos, ao final desta pesquisa, sustentamos as autoetnografias como



pesquisas politicamente engajadas e capazes de mobilizar a formação crítica e política do pesquisador – afinal, na autoetnografia, o pesquisador é autor, sujeito e objeto de sua pesquisa.

Referências

- BOSSLE, F. O “eu do nós”: o professor de Educação Física e a construção do trabalho coletivo na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Porto Alegre, 2008. **Tese (Doutorado)**, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. Leituras para (re)pensar o trabalho coletivo dos professores de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 89-107, jul./set. 2009a.
- BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. No “Olho do Furacão”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, set. 2009b.
- BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. Autoetnografia: mais uma opção metodológica para alguns problemas no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, V.; BOSSLE, F. (Orgs.). **O ofício de ensinar e pesquisar na Educação Física escolar**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 207-238.
- BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V.; WITTIZORECKI, E. S. Trabalho docente coletivo na Educação Física escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 401-415, abr./jun. 2013.
- BOSSLE, F.; BOSSLE, C. B.; ROCHA, L. O.; CRUZ, L. L. Autoetnografia: modelo contra-hegemônico para a produção de conhecimento na Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. **VI Fórum de Pós-Graduação do CBCE e III Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física** – 2016. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/6FPGCBCE/6Forum/paper/viewFile/8071/4097>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- BROOME, M. E. Integrative literature reviews for the development of concepts. In: RODGERS, B. L., KNAFL, K. A. (Editors). **Concept development in nursing: foundations, techniques and applications**. Philadelphia (USA): W.B Saunders Company, 2000. p. 231-250.
- CHANG, H. **Autoethnography as method**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008. ISBN: 978-1598741230.
- COSCRATO, G.; PINA J. C.; MELLO D. F. Utilização de atividades lúdicas na educação em saúde: uma revisão integrativa da literatura. **Acta Paul Enferm**, v. 23, n. 2, p. 257-263, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n2/17.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: An Overview. **Forum: Qualitative Social Research**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 1-18, nov. 2010. ISSN 1438-5627. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-12.1.1589>. Acesso em: 17 fev. 2018.



FERNANDES, L.; BARBOSA, R. A construção social dos corpos periféricos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 70-82, 2016.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

HOLT, N. L. Representation, legitimation, and autoethnography: an autoethnographic Writing Story. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 2, n. 1, p. 1-22, 2003. Disponível em https://sites.ualberta.ca/~iiqm/backissues/2_1/pdf/holt.pdf. Acesso em 10 jan. 2016.

JENSEN-HART, S; WILLIAMS, D. J. Blending voices: autoethnography as a vehicle for critical reflection in social work. **Journal of Teaching in Social Work**, v. 30, n. 4, p. 450-467, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/08841233.2010.515911>. Acesso em: 06 jan. 2016.

JONES, S. H.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. Introduction: Coming to Know Autoethnography as More Than a Method. In: _____. **Handbook of Autoethnography**. Walnut Creek/CA/USA: Left Coast Press, 2015, p.10-12.

MARCUS, G. **Ethnography Through Thick and Thin**. Princeton: University Press, 1998.

MARTOS-GARCÍA, D.; DEVÍS-DEVÍS, J. “Ver, oír, callar y... aburrirse” en el trabajo de campo de una prisión: un relato autoetnográfico. **Movimiento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 53-66, jan./mar. 2017.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 15 nov. 2016.

PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1995.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

REED-DANAHAY, D. **Auto/Ethnography**: rewriting the self and the social. Oxford: Berg. 1997.

ROMAN, A. R.; FRIEDLANDER, M. R. Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem. **Cogitare Enferm**, v. 3, n. 2, p. 109-112, 1998.

SPARKES, A. C. The fatal flaw: A narrative of the fragile body-self. **Qualitative Inquiry**, v. 2, n. 4, p. 463-494, dez. 1996. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/107780049600200405>. Acesso em: 07 jan. 2016.

SPARKES, A. C. Autoethnography and narratives of self: Reflections on criteria in action. **Sociology of Sport Journal**, 17, p. 21–43, 2000.

STARR, L. J. The use of autoethnography in educational research: locating who we are in what we do. **Canadian Journal for New Scholars in Education**, v. 3, n. 1, p. 01-09, jun. 2010. Disponível em <https://journalhosting.ucalgary.ca/index.php/cjnse/article/view/30477>. Acesso em: 05 dez. 2017.



SPRY, T. Performing autoethnography: An embodied methodological praxis. **Qualitative Inquiry:** Sage Publications, v. 7, n. 6, p. 706-732, dez. 2001. Disponível em: <https://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/spry.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2016.

VERSIANI, D. B. **Autoetnografias:** conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.